



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“SE NÃO HOVER PROVIDÊNCIA HOJE MESMO CHAMO A POLÍCIA/ADVOGADO E O PROCESSO!”: RELATOS DE HOMOFOBIA CONTRA DOCENTES NA ESCOLA

Keith Daiani da Silva Braga ; Arilda Ines Miranda Ribeiro

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP, keith_daiani@hotmail.com ; Profa. Dra. do departamento de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP, arilda@fct.unesp.br

Resumo do artigo: O presente trabalho decorre da pesquisa de mestrado finalizada em 2014, que se intitula “Homofobia na Escola: análise do Livro de Ocorrência Escolar” e contou com o financiamento da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, na qual se abordou o tema da homofobia a partir de registros escolares de doze instituições de ensino públicas estaduais do município de Presidente Prudente-SP. Neste texto, em específico, temos o objetivo de trabalhar com narrativas sobre violência homofóbica direcionadas as/aos docentes de ensino fundamental e médio. A metodologia está assentada na Análise Documental e o referencial teórico constitui-se em autoras e autores alinhados ao Pós-Estruturalismo e Teoria Queer. Como resultados, percebemos que as hostilizações direcionadas a professores não lidos como heterossexuais no espaço da escola, têm como finalidade além do próprio intuito de inferiorizar as práticas e identificações dissidentes da sexualidade hegemônica, questionar e desestabilizar a autoridade docente atacando a masculinidade desses educadores.

Palavras- chave: Escola, Homofobia, Professores, Registros Docentes.

Introdução

O tema da sexualidade e, mais especificamente, da diversidade sexual no campo da Educação vem sendo crescentemente explorado em trabalhos acadêmicos brasileiros¹. A justificativa para a abertura dessa área investigativa, que ganhou maior expressividade a partir da última década, se deve à urgência, denunciada pelos movimentos sociais e acadêmicos feministas e LGBT², em se problematizar as orientações, perspectivas, práticas e discursos

¹ Podemos citar, entre tantos outros trabalhos, os de: Castro, Abramovay e Silva (2004), Andrade, Abramovay e Farah Neto (2004) Caetano (2005); Auad (2006), Carrara e Ramos (2005; 2006), Lionço e Diniz (2008), Bordini (2009), Rizzato (2013).

² Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que sustentaram e ainda sustentam os processos educativos – escolares e não-escolares – pautados em profundas relações de desigualdade de gênero e sexualidade.

Destarte, diversas pesquisas em diferentes centros de estudo e programas de pós-graduação do país centram suas análises: no currículo escolar (FURLANI, 2007; SILVA, 2013), nos impactos da homofobia no espaço da escola, nas representações de professoras e professores sobre as sexualidades dissidentes (BORGES et al, 2011; DINIS, 2011) nas experiências (de estudantes e docentes) não-heterossexuais vivenciadas no contexto das instituições de ensino (CAETANO, 2005; 2011; CAVALERO, 2009; FRANCO, 2009) entre outras.

Nosso estudo documental de mestrado seguiu a mesma esteira das investigações supracitadas e é a partir de alguns de seus resultados que delineamos as discussões empreendidas no presente artigo. Privilegiaremos, neste caso, o debate a respeito de narrativas documentais escolares que versam sobre casos de homofobia vivenciados por docentes no ambiente educacional formal. Assim sendo, iniciamos o texto com uma síntese do que são e de quem faz uso dos registros escolares, para no item posterior apresentarmos brevemente o conceito de homofobia. Já na terceira seção discutimos algumas narrativas derivadas do estudo e finalizamos com as considerações finais seguidas das referências bibliográficas.

Os escritos escolares

As narrativas de nosso trabalho se tratam de relatos docentes registrados em Livros de Ocorrência Escolar de doze escolas públicas estaduais de Ensino Fundamental II e Médio do município de Presidente Prudente-SP. Este “livro” é um caderno ou pasta onde muitas escolas públicas brasileiras arquivam informações de situações majoritariamente ligadas à indisciplina e violência praticada por alunos e alunas no espaço da escola. Essa forma de registro é adotada por docentes, coordenadores e diretores e sua prática está ancorada tanto na precaução de acusações ou questionamentos externos (tendo em vista que se mantém tudo que pode ser considerado importante ou grave registrado e assinado) acerca de eventos que saem



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

da rotina ou colocam a segurança dos estudantes em risco, quanto no exercício de vigilância e controle sobre o qual os discentes são submetidos (RATTO, 2004; BRAGA, 2014).

Deste modo, por funcionar a partir de mecanismos de disciplinarização, essa documentação com frequência foi abordada, enquanto objeto de pesquisa no campo da Educação, para o debate a respeito da indisciplina e violência no espaço da escola, porém até então sem discutir a temática da homofobia. É importante ressaltar que investigar os escritos nessa ótica nos é possível atualmente também devido ao período histórico de mudanças que vivenciamos, sobretudo, em nosso país, em relação a conquistas e reivindicações de sujeitos não-heterossexuais.

No estudo tratamos com maior ênfase as situações de violência homofóbica vividas por estudantes em contexto escolar, porém no presente trabalho discutiremos exclusivamente os relatos em que os docentes são os alvos. Acreditamos na importância em se focalizar as dificuldades e assédios sofridos por educadoras e educadores, tendo em vista, o quadro de hostilização e desvalorização aguda a que são submetidos quando não são lidos socialmente como heterossexuais.

Homofobia na escola

Eribon (2008) em sua obra “Reflexões sobre a questão gay” enfatiza que sujeitos não-heterossexuais quando reivindicam visibilidade em espaços públicos sempre estremecem os privilégios heterossexuais. A escola, enquanto instituição pública, não escapa a essa prerrogativa sinalizada pelo autor. Não são raras as atitudes violentas, as chacotas, as humilhações diárias utilizadas como “respostas” a sujeitos que ou se autodemominam “gays” “lésbicas” “travestis” entre outros ou são lidos – ainda que heterossexuais – como dissidentes da norma hegemônica de gênero e sexualidade por suas vestimentas, gostos e performances.

Em relação à “resposta” violenta, adotamos em nosso texto o termo homofobia para falar de uma forma genérica. Junqueira (2007) nos explica que lesbofobia, travestifobia, transfobia e gayfobia podem ser compreendidas como violências dentro de uma homofobia geral. Assim sendo, em consonância com o autor, quando empregamos a palavra, estamos nos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

referindo à violência direcionada para todos os sujeitos que não se constituem na lógica heterossexual. Todavia, estamos cientes das limitações do termo e ressaltamos a importância de evidenciar suas especificidades, pois ao falarmos de modo geral, negligenciamos as relações particulares de violência e discriminação sofrida por lésbicas, travestis, gays, transexuais e transgêneros.

Destarte, em linhas gerais, a homofobia relaciona-se a atitudes de violência (física, psicológica) e a posicionamentos que – mesmo sutis – quando materializados, atuam como um mecanismo de interdição, controle e vigilância de comportamentos (ainda que expressados por sujeitos heterossexuais) não heterocentrados e/ou não representados pelos padrões identitários de gênero (BUTLER, 2003; JUNQUEIRA, 2007; BORRILLO, 2010).

Especialmente, no espaço educacional a violência de natureza homofóbica nem sempre opera de forma explícita. A sua presença se faz por meio de representações caricaturais, piadas, insultos em forma de “brincadeiras” entre outros, todos voltados a garantir que qualquer expressão que não seja heterossexual permaneça em posição de inferioridade (FAZZANO; BRAGA, 2013). Seus efeitos geram intimidação, exclusão e até “evasão escolar³” de estudantes LGBT’s. (PRADO et al, 2009, RIOS, 2009, BENTO, 2011).

E quando a violência é contra docentes?

Pesquisas desenvolvidas na área da Educação, como as de: Franco (2009), Caetano (2001) e Maciel (2014) entre outras, nos alertam para os contextos de violência e resistência em que estão inseridos educadores e educadoras que rompem ou descontinuam a sequência compulsória butleriana sexo-gênero-desejo⁴ em suas trajetórias profissionais. Em nossa investigação, nas consultas em relatos escolares, isso também compareceu. Alguns professores, usamos aqui o masculino porque não acessamos narrativas de educadoras,

³ Colocamos o termo “evasão” escolar em aspas, pois junto com Bento (2011) não cremos que alunos e alunas dissidentes de gênero e sexualidade quando abandonam os estudos o fazem exclusivamente por condições sociais, mas sim porque são expulsos, varridos explicitamente das instituições de ensino. Assim sendo, não seria correto admitir o termo evasão escolar, mas sim expulsão escolar.

⁴ Em seu livro “Problemas de Gênero” (2003), a teórica norte-americana Judith Butler explica que desde a mais tenra idade somos ensinados – por diversos discursos e instituições, sendo a escolar uma delas – o respeito à lógica sexo-gênero-desejo, que em síntese refere-se à correspondência estabelecida entre sexo biológico (cromossomo XX, XY) identidade de gênero (masculino/feminino) e desejo (homossexual/heterossexual) de modo a dar coerência e naturalidade à heterossexualidade. Em outras palavras, somos constantemente interpelados a performatizar nosso gênero “de acordo” com nosso “sexo” e nos atrairmos sexualmente e afetivamente por nossos “opostos”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

utilizaram-se dos Livros de Ocorrência para desabafar e/ou cobrar da gestão escolar atitudes frente à hostilizações e desrespeitos contínuos que estavam sofrendo por conta de suas sexualidades:

Escola G⁵

23/04. O referido aluno [Valmir] **começou a imitar o professor repetindo as palavras ditas pelo professor de maneira jocosa, debochando da cara do professor e sugerindo em seus gestos certo preconceito referente a orientação sexual do professor.** Vale registrar que **não é a primeira vez que isto ocorre**, na aula anterior ocorreu a mesma coisa, e o professor encaminhou o caso para o vice-diretor que advertiu o aluno verbalmente. O aluno continua agindo com ironia, faz de tudo para desestabilizar o professor e quando consegue se faz de vítima. Prof. Gian.

Escola K

8^aB

14/05. O aluno Vagner **em toda aula fica** evidenciando **bullyng contra o professor**, nesta aula o aluno estava falando com o aluno Leandro (11), o Leandro disse ao professor que ele ouviu do colega que o professor tinha NAMORADO, e perguntou se era verdade, o professor querendo cortá-lo disse que namorava com o de trás, o aluno se revoltou e agrediu o professor frente a sala verbalmente, o professor levantou a voz e conseguiu calar a boca do aluno. Com este aluno não cabem mais ameaças...Tomar providências URGENTE! O aluno chamou o prof de “VEADO DO CARAIO”. **Se não houver providência hoje mesmo chamo a polícia/advogado e o processo!** Prof. Pietro.

Os trechos “[...] não é a primeira vez que isto ocorre [...]” e “[...] em toda aula” denotam que a homofobia sofrida por ambos docentes vem acontecendo de forma repetida, inclusive, na segunda narrativa fica evidente que a situação extrapolou os limites toleráveis para o educador, que exige providências por parte da instituição de ensino naquele dia mesmo ou recorrerá à polícia, advogado e processos judiciais contra o agressor.

⁵ Atentamos para o fato de que essa narrativa e todas as outras dispostas no texto foram transcritas dos Livros de Ocorrência Escolar das escolas participantes do estudo, de forma literal e apresentadas com nomes e referências fictícias para preservação, em termos éticos, do anonimato dos sujeitos envolvidos. As colocamos em quadros para diferenciá-las do corpo do artigo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

As ofensas e chacotas direcionadas aos educadores, principalmente no relato do professor Gian, que sofre imitações jocosas, partem da noção de que a vivência homossexual se pauta no ato do homem ser submetido, tornar-se passivo, “mulherzinha”, de renúncia da masculinidade, daí a performance do docente é associada – por vezes, forçosamente – ao feminino, e em seguida, desvalorizada, repudiada e alvo de piada. Nas palavras de Eribon (2008, p. 119) “*É surpreendente constatar com que permanência, e que sistemática, a “passividade” de um homem sempre se situa num polo extremo de um continuum de práticas estigmatizadas*”.

A questão da masculinidade é um dos pontos mais importantes para compreender esse contexto, pois o fato de encontrarmos narrativas de homofobia que versavam exclusivamente sobre professores homens nos conduz a pensar o lugar que as práticas de violência homofóbica ocupam na constituição das masculinidades dos meninos em seus objetivos de tornarem-se homens. Para Moita-Lopes (2002) em seu livro “Identidades Fragmentadas” a escola é um cenário onde se exercitam a construção da masculinidade hegemônica, assim quando os meninos passam a ter contato com outras identidades, em especial que desestabilizem a deles, como o surgimento de um aluno ou professor que pareça – em suas perspectivas – ou que se declare homossexual, os mesmos passam a hostilizar e rejeitar essa possibilidade identitária, também como forma de marcar sua diferença em relação à elas.

Escola L

30/05. O **aluno** é suspeito de estar **usando a internet** e colocando fotos do prof. Nelson e **dizendo que o prof. gay**. O aluno disse, que estava mostrando na sala de aula fotos do prof. no facebook sem camisa, isto o próprio aluno confessou. O responsável deverá comparecer nesta U.E. Assinatura do aluno.

Todavia, ressaltamos em consonância com Connell (1995) que há variadas possibilidades e configurações quando falamos de masculinidade, deste modo não deveríamos pensar em uma única, mas em muitas, sendo mais adequado o uso do termo em sua forma plural: masculinidades. O que ocorre nestes casos abordados é que há uma busca, subsidiada



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pela violência, de alcançar as formas mais valorizadas de masculinidades, no caso aquelas investidas pela mídia, cinema através de filmes militares, de ação, apelo a imagens de homens fortes, viris, destemidos, heróis, “machos”, corajosos entre outros.

Para manter esse modelo hegemônico de masculinidades, que é produzido, ou seja, não é natural ou parte da essência dos homens, é necessário um constante controle e vigilância dos comportamentos:

Há evidências consideráveis de que a masculinidade hegemônica não é uma forma autorreprodutora, seja através de *habitus* ou outros mecanismos. Para se sustentar um dado padrão de hegemonia é necessário o policiamento de todos os homens, assim como a exclusão ou o descrédito das mulheres. Evidências de tais mecanismos variam do descrédito de opções “*soft*” num mundo de relações internacionais “*hard*”, desde as ameaças à segurança e à guerra, a violências e assassinatos homofóbicos, chegando aos constrangimentos de meninos nas escolas por “bichices” (CONNELL, 1995, p. 260).

É importante ressaltar, também, que não existe uma relação causal entre a performatização de gênero e o desejo (BUTLER, 2003). Nesse sentido, nem todos os sujeitos gays se constituem com preferências, comportamentos e identidades associadas socialmente como atributos do feminino, e nem todos os homens heterossexuais se alinham as masculinidades hegemônicas. Comumente, como nos alerta Eribon (2008) é a partir de uma vivência pública da sexualidade, com autoafirmação no coletivo, que muitos sujeitos gays, próximos ou não das performatizações tidas como “femininas”, se tornam mais vulneráveis nos momentos de desentendimentos de tê-las usadas como forma de afronta, desvalorização, inferiorização e desvantagem que seus pares profissionais heterossexuais.

À guisa de conclusão, podemos compreender a homofobia destes estudantes direcionadas a seus educadores, como propõe Castañeda (2007) enquanto desejo de demarcar superioridade, tendo em vista que ela “[...] preenche várias funções importantes nos heterossexuais. Legitima sua própria orientação sexual; faz-lhes sentir que seus valores morais e seus costumes sexuais são naturais e até mesmo superiores” (p. 74-75). Em outras palavras, confere à heterossexualidade um status de naturalidade e completude que talvez não fosse possível em outro contexto (CASTAÑEDA, 2007).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Considerações finais

Ao longo do texto, buscamos apresentar parte dos resultados produzidos em nosso estudo de mestrado sobre homofobia no espaço da escola. Atentamo-nos aqui, especificamente, nos relatos registrados em Livros de Ocorrência Escolar em que docentes eram os alvos da violência e pudemos identificar os obstáculos enfrentados por estes educadores lidos como “gays”, pelos estudantes, em exercer sua docência.

Para além do que foi discutido no artigo, principalmente a respeito da constituição das masculinidades hegemônicas e sua relação com as práticas homofóbicas, acreditamos que há também uma disputa de poder e tentativa de deslegitimar da autoridade docente sob o argumento de repúdio da homossexualidade. Por trás do xingamento homofóbico proferido reside a vontade dos discentes de terem uma justificativa para contraporem-se à tutela, perspectivas e decisões do outro, no caso o professor, ainda que para isso seja necessário mobilizar estratégias de desqualificação que perpassam pela desumanização.

Referências

- ANDRADE, E. R., ABRAMOVAY M. NUNES, M. F. R.; FARAH NETO, M. **O perfil dos professores brasileiros: pesquisa nacional**. Brasília: UNESCO Brasil; 2004.
- BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**. v. 19, n. 2. p. 549- 559, 2011.
- BORDINI, S. C. **Discursos sobre sexualidade nas escolas municipais de Curitiba**. Dissertação (Mestrado) -Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- BORGES, Z. N.; PASSAMANI, G. R.; OHLWEILER, M. I.. BULSING, M.. Percepção de professoras de Ensino Médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul/Brasil). **Educar em Revista**. n. 39, jan./abr. 2011, p. 21-38.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BORRILO, D. **Homofobia**: História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRAGA, K. D. S. **Homofobia na escola**: análise do Livro de Ocorrência Escolar. Dissertação (Mestrado em Educação). Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2014.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

CAETANO, M. R. V. **Gênero e sexualidade**: um encontro político com as epistemologias da vida e os movimentos curriculares. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

CAETANO, M. R. V. **Os gestos do silêncio para esconder as diferenças**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CARRARA, S; RAMOS, S.. **Política, direitos, violência e homossexualidade**. Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT - Rio 2004: Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

CARRARA, S; RAMOS, S.. **Política, direitos, violência e homossexualidade**. Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT - São Paulo 2005: Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

CASTAÑEDA, M. **A experiência homossexual**: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

CASTRO M.G; ABRAMOVAY M; SILVA L.B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO/ Brasil; 2004.

CAVALERO, M. C. **Feminilidades homossexuais no ambiente escolar**: ocultamentos e discriminações vividas por garotas. Tese (Doutorado em Educação), São Paulo: FEUSP, 2009.

CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, 20 (2), 1995. p. 185-206.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

DINIS, Nilson Fernandes. 2011. “Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência”. *Educar em Revista*, Curitiba. N. 39, p. 39-50, jan./abr.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2008.

FAZZANO, L. C.; BRAGA, K. D. S. Homofobia na Escola: perspectivas de estudantes do Ensino Médio. In. PRADO, V. M. ; RIBEIRO, A. I. M. (Org.). **Falando sobre gênero e sexualidades na Educação: vamos nos permitir?** 1ed. Curitiba: CRV, 2013, v. 1, p. 23-44.

FRANCO, N. **A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação) Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

FURLANI, J. Sexos, sexualidades e gêneros: monstrosidades no currículo da Educação Sexual. **Educação em Revista**, v. 46, 2007, p. 269-285.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas: Estudos Gays gêneros e sexualidades**. v. 1, p. 145-166, 2007.

LIONÇO, T., & DINIZ, D. Homofobia, Silêncio e Naturalização: uma narrativa da diversidade sexual. **Psicologia Política**, 8(16), jun./dez., 2008. p.307-324.

MACIEL, P; GARCIA, M. M. A. Os femininos no magistério: professoras lésbicas nas escolas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 14, n. 3, p. 160-180, set/dez 2014.

MOITA-LOPES, L.P. Identidades fragmentadas: a construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras. 2002.

PRADO, M. A. M. ; ARRUDA, D ; TOLENTINO, L. O litígio sobre o impensável: escola, gestão dos corpos e homofobia institucional. **Bagoas: Revista de Estudos Gays**, v. 4, p. 21-32, 2009.

RATTO, A. L. S. **Livros de ocorrência: disciplina, normalização e subjetivação**. 322 f. Tese (Doutorado em Educação), Porto Alegre, 2004.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

RIOS, R. R.. Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas**: UNESCO, 2009, p. 53-84.

RIZZATO, L. K. **Percepções de professores/as sobre gênero, sexualidade e homofobia: pensando a formação continuada a partir de relatos de prática docente**, 2013. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2013.

SILVA, A. F. O corpo travesti e suas marcas no currículo escolar. In. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10. **Anais...** Florianópolis, 2013.